

Heróica resistência

(Ou uma despreziosa reflexão sobre o comportamento da classe média capixaba)

Por **Silvia Rachel Chiabai**

Agonizante? Muito pouco vável, já que dela depende em parte a sobrevivência do tema. Mas angustiada, Eis no se sente a classe média nesse feriado prolongado, onde mais a vez ela amargou um aumento nos preços da gasolina, e onde talvez deve ter constatado que o salário mal dá para comprar o limite (Cr\$ 700 o quilo no mercado da Vila Rubim e nunca a menos de Cr\$ 200 a lata, nos supermercados)

Os cruéis arautos que garantiram aos anos 80 "tempos de crise", com base nos solavancos da última metade de 70 começam a ser levados a sério: só neste mês subiram os cigarros, o leite, o automóvel, o combustível, o sonho dourado do "milagre brasileiro" já virou lenda para essa facção social intermediária entre os mais ricos e os mais pobres, que parece ter acordado de repente para sua dura realidade: a inflação corrói seus salários, o espectro do desemprego ameaça suas arrojadas pretensões de inserção a burguesia. Tudo faz com que ela, duvide de seus princípios de guarda do status quo.

Sem dúvida, tempos difíceis para os outrora privilegiados 15 por cento da população brasileira. O carro do ano já não está assim tão acessível, a casa própria virou obstinação (subiu em 70 por cento a prestação do mês passado) e as ocasionais viagens ao exterior mais próximo — Argentina, Paraguai — estancaram nas encardidas fotos onde predominavam as calças boca-sino.

A avalanche de greves que se sucedeu a paralisação dos metalúrgicos no ABC paulista, em 78, foi uma espécie de banquete para a classe média faminta de promoção social e farta das migalhas dos anos pós 64: médicos, professores, bancários — e jornalistas, tradicionalmente passivos ao processo de achatamento de salários, resolveram aderir, não sem certa cautela, ao coro nacional contra a política econômica que alcançava seus calcanhares. As coisas pouco melhoraram, entretanto, além de não obterem adesão maciça, os movimentos reivindicatórios dos white collars tiveram sempre fim melancólico ou dramático, e, se o reajuste semestral aliviou um pouco a barra, em compensação plantou em cada repartição o sistema rodízio (demissões em massa as vésperas do reajuste), que intimidou iniciativas reivindicatórias.

Dados sobre o poder aquisitivo desse setor intermediário podem ser obtidos pelo índice de concentração de renda no Brasil nos últimos anos, e particularmente a partir do famigerado milagre econômico do ministro Delfim Neto, fiel adepto dos grandes planos desenvolvimentistas internacionais. Para os marxistas, um processo inevitável, esse de concentração, já que a espreita obser-

vam os espasmos cíclicos do capitalismo, aguardando o nome fatal. Para a classe média entretanto, despolitizada como é, tudo isso "é por causa do petróleo", já que sem dúvida é ela a classe mais atingida pelos desmandos da Opep, pela discreta operação das refinarias multinacionais e pelos obscuros calculos do Governo na fixação dos preços da gasolina.

A nível nacional, o IBGE fornece dados que permitem com-

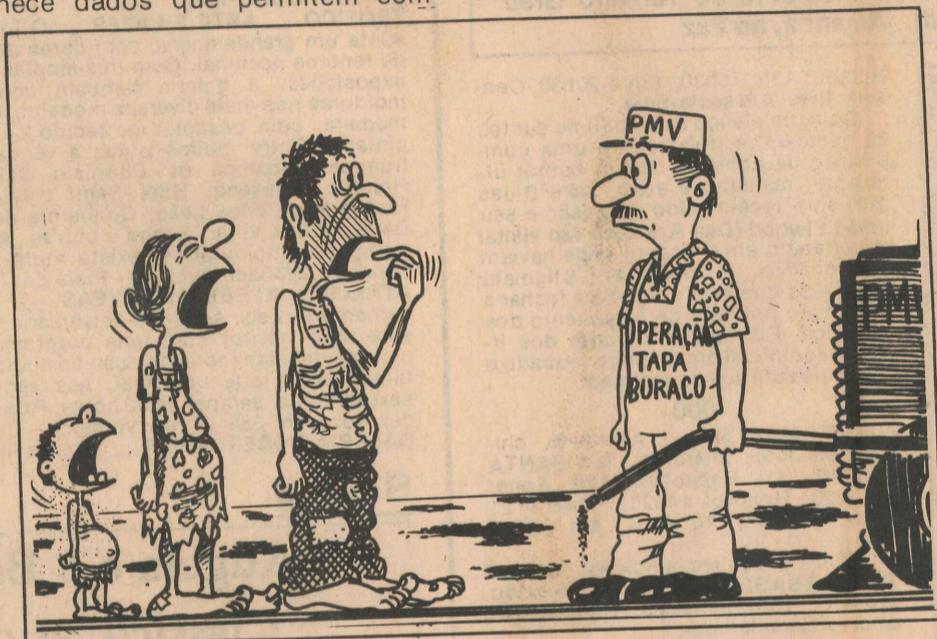
provado empobrecimento da ordem de 13 por cento das camadas mais pobres, uma relativa estagnação da classe média, o que veio a se acentuar posteriormente, com a estúpida elevação do custo de vida. A tensão social atinge níveis incontroláveis, em resposta à insegurança de manutenção do padrão de vida. O pavor de passar de repente a constituir a enorme massa de marginalizados faz da classe média uma aliada histórica

às variações média baixa, média média, média alta — faz o que pode: reclama dos Cr\$ 160 do cinema, dos Cr\$ 10 da passagem (já que as circunstâncias cada vez mais a obrigam ao uso dos coletivos) dos Cr\$ 700 dos discos, coisas da qual não se lembra de ter sido algum dia obrigada a se privar. Mas, além de queixar-se, tem que se virar: deixou de comprar roupa com muita frequência, porque, decididamente, não consegue pagar Cr\$ 400 por uma blusa, e não menos de Cr\$ 1 mil por um par de bons sapatos. Por isso, se não estivessem em permanente liquidação, as lojinhas e butiques que pontilham o centro de Vitória estariam entregues às moscas ou decretando falência (coisa bastante frequente no comércio local, nos últimos anos)

A noite não há muitas opções para quem não tem muito o que gastar — poucos cidadãos classe média convictos atrevem-se a incursões em boates como Mario's ou Black Horse, onde a dose de uísque nunca está por menos de Cr\$ 800. (A não ser ocasionalmente, em noite de festa ou extravagância). A saída é um barzinho de beira de praia ou um bom programa de televisão. — aparentemente difícil de achar, mas não se for levado em conta que a classe média sempre foi muito condescendente com a televisão, principalmente porque adquiriu o aparelho a cores e a prestação. Entretanto, é a própria porta voz de modismos que ao mesmo tempo a traem e atormentam a classe média: o consumo de patins, por exemplo, que a faz gastar Cr\$ 3 mil num par para logo depois ser substituído por uma prancha de windsurf ou coisa que valha.

Mas, resistindo ou não aos apelos consumistas, a classe média capixaba iniciou a década provocando índices pouco confortadores: mais de 4 mil títulos protestados, segundo registros (incompletos) do Cartório Privativo de Títulos e Letras de Vitória, crescimento de apenas 1 por cento no comércio lojista, centenas de financiamentos de automóveis sumariamente anulados pelas redes bancárias e financiadoras, retração significativa nas compras à vista, inflação de fazer ministro corar e aumento de fichas negativadas no SPC.

Com o poder aquisitivo em franca retração, as famílias renda média da Grande Vitória se divertem na praia ou com a TV, em casa. As festinhas — de aniversário, de bodas rarearam: hoje em dia quem é que se atreve a distribuir gratuitamente cervejas (Cr\$ 50 a garrafa), refrigerantes (Cr\$ 15) e salgadinhos, sabendo que, definitivamente, a despesa vai pesar no final do mês? Festejar tornou-se mais um privilégio, o que irrita profundamente a classe média: ela precisa limitar convidados a parentes mais próximos ou amigos mais íntimos, ou — o que lhe causa profundo constrangimento — depender do "mutirão" para angariar fundos para uma festinha mais animada.



A classe média cai, gradativamente, e está cada vez mais "espremida", já perdendo há muito seu status-quo (embora uma camada mais privilegiada lute para preservá-lo) e praticamente beirando as raíes de uma sub-classe. Não é à toa que essa situação crítica raramente é perdoadada, sempre caindo nas garras dos chargistas mais ferinos — que expõem sua faceta tragicômica. As ilustrações são de Milson Henriques.

provar a concentração de renda a partir dos anos 60. Assim, os 5 por cento da classe alta brasileira possuíam, em 60, 70 e 76, respectivamente 27,69; 34,86 e 39 por cento da renda nacional. Os 15 por cento da classe média detinham, nos anos em questão, 26,66, 27,38 e 28 por cento da renda. Trinta por cento dos considerados pobres remediados possuíam 27,92 em 60, 22,85 em 70 e 21,20 em 76. Os 50 por cento mais pobres apresentaram, no período, respectivamente 17,73, 14,94 e 11,80 por cento da renda nacional. Observa-se, além do com-

das elites dominantes, já alertava Darcy Ribeiro. Mas isso não impede que ela lance aos céus suas faixas eminentemente revolucionárias ("abaixo a ditadura") ou carregadas de amor-próprio ("não somos palhaços do governo" — flagrada na greve dos professores paulistas em abril de 79).

A CLASSE MÉDIA CAPIXABA

Nesse quadro pouco animador, a classe média capixaba — obviamente também obedecendo